



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**UMA REESCRITURA DA LIGA CAMPONESA DE GALILEIA EM VITÓRIA
DE SANTO ANTÃO**

LEONILDO DE OLIVEIRA SANTOS

RECIFE
2023

LEONILDO DE OLIVEIRA SANTOS

**UMA REESCRITURA DA LIGA CAMPONESA DE GALILEIA EM VITÓRIA
DE SANTO ANTÃO**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), como pré-requisito para finalização da disciplina TCC II e obtenção de grau no Curso de Licenciatura Plena em História.

Orientadora: Prof. Dr^a. Uiran Gerbara da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237r

SANTOS, LEONILDO DE OLIVEIRA
UMA REESCRITURA DA LIGA CAMPONESA DE GALILEIA EM VITÓRIA DE SANTO ANTÃO / LEONILDO
DE OLIVEIRA SANTOS. - 2023.
35 f. : il.

Orientador: UIRAN GEBARA DA SILVA.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História,
Recife, 2023.

1. LIGA CAMPONESA DO ENGENHO GALILEIA. 2. REFORMA AGRARIA. 3. MEMÓRIA. I. SILVA, UIRAN
GEBARA DA, orient. II. Título

CDD 909

**UMA REESCRITURA DA LIGA CAMPONESA DE GALILEIA EM VITÓRIA
DE SANTO ANTÃO**

LEONILDO DE OLIVEIRA SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado com nota ____ apresentado em 19 setembro de
2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Uiran Gebara da Silva

Prof.^a Dr^a Marcio Romerito da Silva Arcoverde

Prof.^a Dr^a.Pablo Francisco de Andrade Porfirio

RESUMO

As Ligas Camponesas da Galileia foi um importante movimento social agrário brasileiro que surgiu no Engenho Galileia, em Vitória de Santo Antão, em 1955. O artigo inicia com uma análise do contexto histórico que levou ao surgimento das Ligas Camponesas. O movimento surgiu em um momento de crescente desigualdade social e concentração de renda no campo brasileiro. Os trabalhadores rurais eram submetidos a condições de trabalho precárias e eram explorados pelos proprietários de terras. O movimento atuou por nove anos, até ser extinto pelo golpe militar de 1964. Durante esse período, as Ligas Camponesas conquistaram um importante espaço no cenário político nacional, tornando-se um dos principais defensores da reforma agrária. O movimento também contribuiu para a conscientização política dos trabalhadores rurais e para a organização de comunidades camponesas identificar as memórias dos moradores do Engenho Galileia e áreas adjacentes sobre as Ligas Camponesas. As Ligas Camponesas foram um movimento social que lutou pelos direitos dos camponeses. As memórias das Ligas Camponesas são importantes para resgatar a importância desse movimento.

Palavras-chave: Liga Camponesa do Engenho Galileia, Reforma Agrária, Memória.

ABSTRACT

The Galileia Peasant Leagues was an important Brazilian agrarian social movement that emerged in the Engenho Galileia, Vitória de Santo Antão, in 1955. The article begins with an analysis of the historical context that led to the emergence of the Galileia Peasant Leagues. The movement emerged at a time of growing social inequality and income concentration in the Brazilian countryside. Rural workers were subjected to precarious working conditions and were exploited by landowners. The movement operated for nine years, until it was extinguished by the 1964 military coup. During this period, the Galileia Peasant Leagues gained an important space in the national political scene, becoming one of the main defenders of agrarian reform. The movement also contributed to the political awareness of rural workers and to the organization of peasant communities.

Keywords: Peasant League of Galilee, Agrarian Reform, Memory.

INTRODUÇÃO

No final de 1954, um grupo de 140 famílias de trabalhadores rurais, totalizando mais de 1.000 pessoas, fundou a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP) no Engenho Galileia, localizado no município de Vitória de Santo Antão, a 50 km do Recife. A organização foi criada para resolver os problemas do analfabetismo, do aluguel da terra (forro) e do funeral de seus falecidos.

Segundo Freitas (2005, p. 12), "a SAPPP foi uma organização pioneira no combate à exploração dos trabalhadores rurais em Pernambuco". O proprietário do engenho, Oscar Beltrão, era contra a SAPPP e a considerou uma ameaça ao seu poder. Ele tentou impedir a organização, mas os trabalhadores rurais não desistiram.

"Os trabalhadores procuraram o apoio de vários deputados, incluindo Francisco Julião, do Partido Socialista", afirma Borges (2010, p. 35). Julião passou a fornecer assistência jurídica aos associados da SAPPP, o que levou a uma grande mobilização entre os camponeses.

A SAPPP, também conhecida como Ligas Camponesas, foi uma das primeiras organizações camponesas a usar os meios legais para combater a exploração dos trabalhadores rurais. Ela ajudou a estabelecer um precedente para o movimento pela reforma agrária no Brasil.

Graziano (2016) argumenta que inegavelmente, a agricultura familiar camponesa é fundamental para construir um futuro possível. Os camponeses são os guardiões da biodiversidade e da cultura tradicional. Eles também são os principais produtores de alimentos saudáveis e sustentáveis. Como afirma José Graziano da Silva, diretor-geral da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO): "O campesinato é a chave para a segurança alimentar e a sustentabilidade do planeta".

A SAPPP é uma organização que luta pela defesa dos direitos dos trabalhadores rurais e pela promoção da agricultura familiar. A organização é um exemplo importante do papel que os movimentos camponeses podem desempenhar na construção de um mundo mais justo e sustentável.

Faz-se necessário considerar o plantio da semente de que a agricultura familiar camponesa é fundamental para construir um futuro possível. É o ponto de partida para o qual os textos reunidos neste trabalho se unem. Aqui, sua luta diária pela sobrevivência é comparada à luta pela sobrevivência do futuro. Como afirma Diana Rodrigues, organizadora

do livro *Agricultura familiar camponesa: lutas e resistências no Brasil*. O campesinato se reinventa como um ator contemporâneo que tem uma força que une o passado e o futuro da humanidade. "Em vez de desaparecer diante das conjunturas cada vez mais asfixiantes, como afirmam muitos teóricos e políticos, o campesinato se rearranja como um ator contemporâneo" (CUNHA, 2016, p. 35).

Sobre o tema, a busca por autores que apontem algumas questões ainda pouco exploradas, como a relação entre a agricultura e o meio ambiente, e a participação da agricultura na dinâmica da economia nacional, tornou-se nossa prioridade.

O interesse neste tema surgiu a partir do momento em que construímos um diálogo com moradores da cidade de Vitória de Santo Antão – Pernambuco, sobre alguns movimentos sociais. Através de relatos, de histórias de vida, percebemos que alguns moradores da cidade sofrem com uma ausência de conhecimento sobre a história da Liga Camponesa do Engenho Galileia e nas áreas circunvizinhas à Vitória de Santo Antão. Muitos moradores não conseguem perceber a importância desta narrativa para a história da cidade.

Além disto, é de fundamental importância compreender os processos de formação das memórias e identificar quem são seus atores sociais. A memória é seletiva e provoca o esquecimento e um silenciamento provocado por algumas partes da sociedade (POLLAK, 1989).

Neste sentido, o historiador precisa identificar a seleção das memórias, pois ela é movimentada e trabalhada para sacralizar eventos. Por isso, estudar a memória da Liga Camponesa em Vitória de Santo Antão, no Engenho Galileia de 1955 a 1960, torna-se importante para discutir historicamente o movimento social no âmbito e contribuição de uma conscientização da formação de vida e lutas dos camponeses, que são vistos por parte da sociedade como ameaças para o grande proprietário de terra.

Partindo deste contexto, o trabalho tem como objetivo analisar o processo de constituição da Liga Camponesa da Galileia, desde sua origem na Sociedade Agrícola do Engenho Galileia até sua transformação em Movimento Revolucionário. Para isso é necessário primeiro identificar as demandas sociais e econômicas que levaram à formação da Sociedade Agrícola do Engenho Galileia. Depois, buscar reconstruir o processo de organização e mobilização dos camponeses da Galileia, desde a criação da Sociedade Agrícola até a constituição das Ligas Camponesas. Tendo isso com base é possível analisar as mudanças sociais e políticas ocorridas na região da Galileia a partir da atuação das Ligas Camponesas e, por fim, avaliar a relação entre a radicalização das Ligas Camponesas e sua diminuição de capacidade de mobilização nas bases.

Diante do exposto, vamos interpretar alguns textos relacionados de alguns autores que discorrem sobre o tema, onde buscamos expor as ideias centrais, de acordo com a pesquisa bibliográfica proposta.

A obra do professor Antônio Torres Montenegro, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sobre metodologia oral é uma referência fundamental para os estudos de história oral no Brasil. Montenegro é um dos pioneiros da história oral no país, e seus trabalhos têm contribuído para o desenvolvimento da metodologia e da prática da história oral. Em seus trabalhos sobre metodologia oral, Montenegro defende a importância de uma metodologia rigorosa e ética para a realização de entrevistas orais. Ele enfatiza a necessidade de respeitar os depoimentos dos entrevistados, de garantir a privacidade dos entrevistados e de evitar a distorção dos depoimentos. Em sua obra "Metodologia da história oral", Montenegro aborda esses aspectos em detalhes. Ele também discute os desafios e as possibilidades da metodologia oral, bem como a história da história oral no Brasil.

Montenegro fala sobre esses aspectos da metodologia oral em suas obras:

A importância da ética na pesquisa oral:

"A entrevista oral é uma relação entre duas pessoas, e como tal, deve ser pautada pela ética. O pesquisador deve respeitar o entrevistado, ouvir sua história com atenção e cuidado, e evitar qualquer tipo de distorção ou manipulação dos depoimentos." (MONTENEGRO, 2012, p. 27).

As técnicas de entrevista oral:

"A escolha da técnica de entrevista oral deve ser feita de acordo com o objetivo da pesquisa. A entrevista aberta é mais flexível e permite que o entrevistado fale livremente sobre sua história. A entrevista semiestruturada é mais direcionada e permite que o pesquisador explore temas específicos. A entrevista estruturada é a mais formal e é utilizada para coletar informações específicas." (MONTENEGRO, 2012, p. 37).

A análise dos depoimentos orais:

"A análise dos depoimentos orais é um processo complexo que envolve diferentes etapas. A primeira etapa é a transcrição dos depoimentos. A segunda etapa é a leitura e análise dos depoimentos. A terceira etapa é a interpretação dos depoimentos." (MONTENEGRO, 2012, p. 55).

As obras de Montenegro sobre metodologia oral são referências fundamentais para os pesquisadores que utilizam a metodologia oral como ferramenta de pesquisa. Elas fornecem uma visão abrangente da metodologia oral, desde os fundamentos éticos até as técnicas e procedimentos de pesquisa.

História da agricultura revisitada: fontes e metodologias de pesquisa, de Márcia Motta e Elione Guimarães, publicado em 2007, busca avaliar o impacto da obra *História social da agricultura* de Maria Yedda Linhares e Francisco Carlos Teixeira da Silva, publicada em 1981. As autoras apresentam uma argumentação clara e concisa, apoiada em evidências empíricas. O texto é relevante para historiografia da agricultura brasileira, pois contribui para o debate sobre os avanços e lacunas da pesquisa no campo. As autoras argumentam que a obra de Linhares e Teixeira da Silva representou um marco na historiografia da agricultura brasileira, ao romper com a tradicional abordagem econômica e focar nas relações sociais e culturais que permeavam o campo, apontando a contribuição da obra para a diversificação das fontes e metodologias de pesquisa utilizadas pelos historiadores da agricultura.

Segundo Motta e Guimarães (2007, p. 21), "a obra de Linhares e Teixeira da Silva representou um marco na historiografia da agricultura brasileira, ao romper com a tradicional abordagem econômica e focar nas relações sociais e culturais que permeavam o campo". A obra, segundo as autoras, contribuiu para diversificar as fontes e metodologias de pesquisa utilizadas pelos historiadores da agricultura, que passaram a incluir documentos de natureza social e cultural, além de fontes econômicas e estatísticas.

As autoras também destacam que a produção historiográfica sobre a agricultura brasileira produzida nos 25 anos seguintes à publicação de Linhares e Teixeira da Silva incorporou as sugestões dos autores, ampliando o escopo da pesquisa para incluir temas como a organização social do trabalho, as relações de gênero e raça, e a cultura material do campo (MOTTA, GUIMARÃES, 2007, p. 22).

No texto *A definição de camponês: o velho e o novo em uma discussão marxista*, José de Souza Martins, publicado em 2009, discute a dificuldade de definir o conceito de camponês. O autor argumenta que não existe uma definição única de camponês que seja válida para todas as sociedades. Martins (2009), destaca que o conceito de camponês tem sido

usado de diferentes maneiras por diferentes autores. Algumas definições enfatizam a posição econômica do camponês, como a posse ou o controle da terra. Outras, enfatizam a forma de vida do camponês, como a participação em atividades agrícolas e a subsistência da agricultura.

Martins (2009) defende que uma definição de camponês deve levar em conta os aspectos econômicos, sociais e culturais da vida camponesa. O autor argumenta que o camponês é um trabalhador que produz alimentos, mas que também é um membro de uma comunidade com uma cultura e uma identidade própria.

As principais abordagens discutidas por Martins são duas: a abordagem marxista e a abordagem antropológica. A abordagem marxista define o camponês como um trabalhador que produz mercadorias para o mercado, mas que não é um trabalhador assalariado. A abordagem antropológica define o camponês como um membro de uma comunidade rural que vive de atividades agrícolas e pecuárias.

Assim, Martins (2009) conclui que as duas abordagens têm pontos fortes e fracos. A abordagem marxista é útil para compreender o papel do camponês na economia capitalista, mas é limitada em sua capacidade de capturar a diversidade da vida camponesa. A abordagem antropológica é mais abrangente, mas pode ser difícil de aplicar em contextos históricos e culturais específicos.

Portanto, na perspectiva do autor, o camponês é uma categoria social complexa que deve ser entendida em seus diversos aspectos, ele fornece uma discussão abrangente das diferentes abordagens para definir o conceito de camponês; argumenta de forma convincente que uma definição de camponês deve levar em conta os aspectos econômicos, sociais e culturais da vida camponesa e conclui que as duas abordagens principais, a marxista e a antropológica, têm pontos fortes e fracos.

Portanto, no geral, o texto é um contributo importante para o debate sobre a definição de camponês. É um texto bem escrito, com uma argumentação clara e concisa, que fornece uma perspectiva abrangente sobre o tema.

Como observamos no artigo *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*, Eric Hobsbawm (2011), apresenta uma coletânea de biografias de pessoas que se destacaram por sua resistência, rebelião e criatividade. O autor argumenta que essas pessoas compartilham algumas características comuns, como um forte senso de justiça e igualdade, e uma disposição para enfrentar o risco e o perigo para defender seus ideais.

Hobsbawm (2011), apresenta um conjunto diversificado de personagens, de diferentes origens e épocas, que desafiaram o status quo e deixaram sua marca na história. Entre eles,

estão figuras históricas como o líder escravo Zumbi dos Palmares, a revolucionária russa Alexandra Kollontai e o líder do movimento pelos direitos civis Martin Luther King Jr.; artistas e intelectuais como o poeta e compositor Bob Dylan, o dramaturgo e ativista gay Harvey Milk e a escritora e ativista feminista Simone de Beauvoir; e personalidades da cultura popular como o músico de jazz Miles Davis, o cineasta Stanley Kubrick e a cantora de rock Janis Joplin.

Segundo Hobsbawm (2011, p. 11), "a história não é apenas feita por grandes líderes e eventos, mas também por pessoas comuns que se recusam a aceitar a injustiça". O autor destaca que essas pessoas "são movidas por um forte senso de justiça e igualdade, e estão dispostas a enfrentar o risco e o perigo para defender seus ideais". Na mesma página, Hobsbawm também afirma que essas pessoas "são criativas e inovadoras, e suas ideias e ações têm um impacto duradouro no mundo".

Para ilustrar suas ideias, Hobsbawm (2011, p. 12) relata a história de Zumbi dos Palmares, um líder escravo que se recusou a aceitar a escravidão e liderou um quilombo que resistiu por mais de 30 anos aos ataques dos colonizadores. Hobsbawm também destaca a história de Martin Luther King Jr., um líder do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos que lutou contra a discriminação racial e a violência policial.

Em continuação às leituras, *Formas cotidianas da resistência* de Maria Cristina Corrêa da Silva (2017), discute as formas de resistência camponesa que não se manifestam de forma aberta ou explícita, mas que são cotidianas e sutis. A autora argumenta que essas formas de resistência são importantes para manter a autonomia e a identidade das comunidades camponesas face às ameaças do capitalismo e do agronegócio.

O texto de Maria Cristina Corrêa da Silva, publicado em 2017, busca discutir as formas de resistência camponesa que não se manifestam de forma aberta ou explícita, mas que são cotidianas e sutis. A autora argumenta que essas formas de resistência são importantes para manter a autonomia e a identidade das comunidades camponesas face às ameaças do capitalismo e do agronegócio.

Silva (2017), destaca que as formas cotidianas de resistência camponesa são diversas e variam de acordo com o contexto histórico e cultural. No entanto, elas geralmente envolvem:

A preservação dos saberes e práticas tradicionais: Os camponeses resistem à modernização agrícola imposta pelo capitalismo, preservando seus saberes e práticas tradicionais, que são muitas vezes mais sustentáveis e ecológicas; a defesa da autonomia e da identidade: Os camponeses resistem à mercantilização da terra e da vida, defendendo sua autonomia e sua identidade cultural.; a construção de redes de solidariedade: Os camponeses

resistem à atomização e à individualização, construindo redes de solidariedade entre si. A autora conclui que as formas cotidianas de resistência camponesa são importantes para manter a vitalidade das comunidades camponesas e para promover a construção de um mundo mais justo e equitativo.

O texto de Silva é uma obra importante que contribui para uma compreensão mais ampla da resistência camponesa. Ele mostra que a resistência camponesa não se limita a confrontos abertos, mas também envolve formas cotidianas e sutis de resistência. A preservação dos saberes e práticas tradicionais é uma forma importante de resistência camponesa (SILVA, 2017, p. 26).

Por exemplo, no Brasil, muitos camponeses praticam a agricultura familiar, que é baseada em técnicas tradicionais de cultivo e manejo da terra. Essa prática é importante para a preservação da biodiversidade e para a manutenção da qualidade do solo. Os camponeses resistem à mercantilização da terra e da vida, defendendo sua autonomia e sua identidade cultural. Eles lutam para manter o controle sobre seus meios de produção e para preservar seus modos de vida tradicionais. Por exemplo, muitos camponeses se organizam em cooperativas para comercializar seus produtos e para defender seus direitos. A defesa da autonomia e da identidade cultural é uma forma importante de resistência camponesa (Silva, 2017, p. 28). Outra forma é a construção de redes de solidariedade é uma forma importante de resistência camponesa (SILVA, 2017, p. 30).

Os camponeses resistem à atomização e à individualização, construindo redes de solidariedade entre si. Essas redes são importantes para o apoio mútuo e para a troca de conhecimentos e experiências. Por exemplo, muitas organizações camponesas promovem intercâmbios entre camponeses de diferentes regiões, para que eles possam aprender uns com os outros. As formas cotidianas de resistência camponesa são importantes para manter a vitalidade das comunidades camponesas e para promover a construção de um mundo mais justo e equitativo. Elas são uma forma de os camponeses defenderem seus direitos e sua cultura, e de resistir às ameaças do capitalismo e do agronegócio.

“A agricultura familiar camponesa é um ator fundamental para a construção de um futuro possível. Ela é responsável por produzir alimentos saudáveis e sustentáveis, preservar a biodiversidade e a cultura local, e promover a igualdade social. Em um mundo cada vez mais urbanizado e globalizado, a agricultura familiar camponesa é uma fonte de esperança e resistência.” (SILVA, 2023, p. 12).

Em contraste com o mundo malvado que nos rodeia, essa aposta pode ser vista como uma utopia impossível de realizar. No entanto, é nessa mesma realidade, onde a conclusão da

história já está decidida, que o modo de vida e produção camponês surgem como uma ferramenta poderosa contra a decepção e o empobrecimento cultural da sociedade. “A agricultura familiar camponesa é uma utopia possível. Ela é um projeto de futuro que se baseia em valores de justiça, igualdade e solidariedade. É um projeto que pode nos ajudar a construir um mundo mais justo e sustentável.” (SOUZA, 2022, p. 23)

Até agora, na agricultura familiar camponesa se enfrenta o paradoxo da onipresença e da invisibilidade. Embora sua contribuição para a criação de um mundo alternativo possível ainda seja vista como um potencial não concretizado, já é possível vislumbrar possibilidades de realização que conectam o mundo real e o mundo idealizado. “A agricultura familiar camponesa é onipresente, mas ainda é invisibilizada. Ela está presente em todos os cantos do mundo, mas muitas vezes é ignorada ou marginalizada. É preciso dar visibilidade à agricultura familiar camponesa, para que seu potencial seja reconhecido e seu papel na construção de um mundo melhor seja valorizado.” (BARBOSA, 2021, p. 34).

Através de algumas leituras, pode se perceber que, na área rural no Brasil sempre há como predomínio, uma disputa entre os camponeses e os proprietários de terras. Ao longo dos tempos essas disputas vêm se construindo através de uma relação de contradição e subalternidade, pois os latifundiários, assim chamados porque possuem grandes quantidades de terras, mantém historicamente uma disputa sem trégua com hostilidade frente aos camponeses, os mesmos são tratados em algumas regiões, como pequenos produtores rurais familiares. Todavia esses camponeses continuam sendo úteis para toda sociedade, por oferecer produtos agrícolas baratos e se constituírem como uma reserva de força de trabalho para serem explorados no campo.

“No Brasil, a disputa entre camponeses e proprietários de terras é uma realidade histórica. Os camponeses, que são pequenos produtores rurais, sempre lutaram por melhores condições de vida e trabalho, mas enfrentam a resistência dos proprietários de terras, que são grandes proprietários de terras. Essa disputa é marcada por conflitos violentos, que muitas vezes resultam em mortes e violações de direitos humanos.” (SANTOS, 2020, p. 14).

Sendo assim para se manterem na terra, os camponeses sempre necessitaram disputar a mesma com os grandes latifundiários, enfrentando ameaças de jagunços ao brigar pela terra e muitas vezes com resultados negativos. Neste contexto de dificuldades e permanência na terra, os camponeses passaram a criar associações de trabalhadores. Desta

forma enfrentando os problemas de maneira organizada para ter melhores condições de requerer seus direitos.

“A organização dos camponeses é uma estratégia importante para enfrentar a disputa com os proprietários de terras. Ao se organizarem, os camponeses podem se fortalecer e defender seus direitos. No Brasil, existem diversas organizações de camponeses, que lutam por melhores condições de vida e trabalho.” (SOUZA, 2022, p. 26).

Finalmente, para realizar a pesquisa, procuramos organizar uma proposta metodológica, baseada na metodologia qualitativa para interpretar os aspectos imateriais, opiniões, intenções, sensações de pensamentos, comportamentos e sentimentos. A preocupação está em entender o caminho que levou ao problema do tema do trabalho, a partir dos aprofundamentos de dados e análise textual sobre o tema.

É uma metodologia interessante por haver uma maior aproximação do pesquisador com o pesquisado, pois desta forma, busca conseguir informações mais próximas da realidade. A pesquisa qualitativa é empregada nas ciências sociais por ser uma metodologia de coletas de dados como escreveu Robert For (1982), pois traz uma técnica ou um método para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas ou pontos de vistas sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista na busca de um trabalho que contenha mais conteúdo.

Espera-se como resultado, um texto para ser estudado em profundidade, nas escolas e seminários, pois é um texto que procura retratar a realidade sobre os camponeses na área de Galileia e serve como discussão para entender o campesinato com profundidade em várias partes do Brasil na atualidade. Portanto é um trabalho, que aborda e apresenta um debate cheio de contradição sobre a história social com novas pesquisas na perspectiva de elaborar novos estudos sobre o tema.

Especificamente como técnica de coleta de dados e informações, assumimos a tradição da narrativa, já devidamente consolidada nos estudos históricos, e daremos especial atenção à História Oral, (tendo como informante prioritário o Zito da Galileia, que é neto de Zezé da Galileia, principal organizador da Liga Camponesa de Vitória de Santo Antão, a partir da Sociedade Agrícola e Pecuária do Engenho Galileia).

Desta forma, assumimos a metodologia da história oral considerada, de grande contribuição na coleta dos dados, ao mesmo tempo em que atribui importância relevante aos sujeitos e as suas histórias, na construção e reconstrução de suas trajetórias de vida. Surgida

inicialmente na Universidade de Colúmbia, bem na metade do século XX, a partir da ciência da história, logo se espalha, sobretudo para a sociologia e para a antropologia, Segundo Paul Thompson (2002):

De acordo com Verena Alberti, a história oral é uma "história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo.". Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade" (THOMPSON, 2002, p. 44).

Ainda como instrumentos e técnicas metodológicas, a história oral indica um conjunto de procedimentos que se inicia desde a elaboração do projeto, onde já se estabelece um grupo de pessoas para serem entrevistadas. Portanto define regras para "condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso, voltar ao grupo que gerou as entrevistas" (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 15).

MARCO HISTÓRICO

Em 1954, José Hortêncio, um dos arrendatários do Engenho Galileia não conseguiu pagar o aluguel anual das terras, por este motivo foi ameaçado de expulsão pelo proprietário, Oscar de Arruda Beltrão. Figura 1 - Camponeses reunidos no Engenho Galileia.



Figura 1 - Camponeses reunidos no Engenho Galileia

Crédito: Correios da Manhã, 18 de janeiro de 1960 (reprodução)

José Hortêncio, teve a iniciativa de reunir um grupo de foreiros e José Prazeres, membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), para discutir problemas de mesma natureza. Surgiu a ideia de criação de uma associação preparada para prestar assistência social e financeira aos camponeses filiados. Com o objetivo de construir uma escola, criar um fundo funerário, comprar implementos agrícolas e solicitar ajuda ao governo, foi fundada em 1955 a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP).



Sede da Liga Camponesa do Engenho Galileia

Créditos: Hélio Passos/O Cruzeiro em 11 de novembro de 1961 (reprodução)

Em retaliação, o proprietário do engenho, exigiu judicialmente o fim da SAPPP e expulsão dos camponeses, que resistiam e convidaram o Francisco Julião (advogado e deputado estadual pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) a defender judicialmente os camponeses.

Na figura 4 abaixo, o símbolo do Movimento da Liga Camponesa do Engenho Galileia de Vitória de Santo Antão.



Broche das Ligas Camponesas do Engenho Galileia

Figura 4 - Símbolo do Movimento da Liga Camponesa do Engenho Galileia de Vitória de Santo Antão.

Crédito: Acervo particular Anacleto Julião

A luta pelas terras do engenho durou quatro anos, encerrando com a desapropriação executada pelo Governador Cid Sampaio da União Democrática Nacional (UDN). Conforme figura 5, a planta da Liga Camponesa do Engenho Galileia

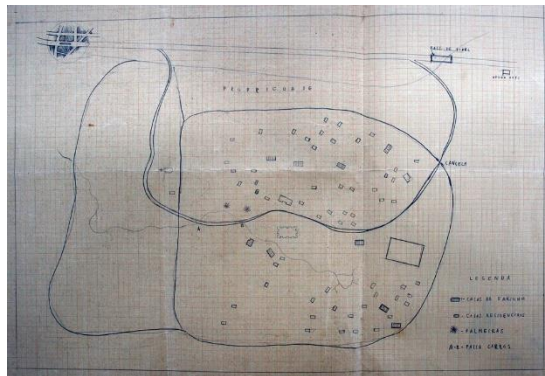


Figura 5 - Planta da Liga Camponesa do Engenho Galileia

Créditos: Acervo Dops (PE)

Esta primeira vitória das Ligas Camponesas, foi muito importante para expansão do movimento para outros estados e 1960 seriam contabilizados 35 mil camponeses filiados em Pernambuco e aproximadamente 70 mil na região Nordeste. Após atingir estabilização, não se observavam mudanças nas reivindicações iniciais e nem mesmo nas que viessem.

Apesar dos ganhos políticos dos camponeses, os conflitos no campo continuaram, a exemplo do massacre do Usina Estreliana em Ribeirão/PE, 1963.

Em 1964 com o Golpe Militar, as principais lideranças das Ligas Camponesas e do PCB, fugiram, foram presos ou assassinadas, encerrando assim as Ligas Camponesas. Abaixo, figura 6, referente reunião de camponeses que participavam das Ligas no período de 1955-1964.



Figura 6 - Reunião de camponeses que participavam das Ligas no período de 1955-1964

Fonte: <https://documentosrevelados.com.br/memoria-das-ligas-camponesas-1955-1964/>

Acesso em 03 de set. 2023

AS LIGAS CAMPONESAS

Nestas perspectivas de conflitos no campo, surge à ideia de criar no Engenho Galileia, A Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, a qual mais tarde passa a se chamar liga camponesa e tem como discussão a mobilização dos camponeses e sua inclusão em alguns movimentos sociais. Em várias regiões foram criadas ligas e isso gerou muitos problemas para os latifundiários. Na área do engenho Galileia, comunidade situada na zona rural de Vitória de Santo Antão não foi diferente das outras regiões, pois houve muitos conflitos com os proprietários de engenho.

As literaturas sobre a história das Ligas Camponesas e campesinato apresentadas, oferecem uma visão abrangente e instigante sobre esse movimento social brasileiro. Elas destacam a importância das Ligas Camponesas para a história do Brasil, para a luta pela reforma agrária e para a defesa dos direitos dos camponeses, movimento iniciado no Engenho Galileia em Vitória de Santo Antão. As ligas camponesas deram-lhe a conscientização de sua força, pois o camponês perdeu o medo e transformou-se num lutador contra a injustiça que sofria.

A história das Ligas Camponesas: Testemunho de quem a viveu, de Zito da Galileia (1982), é uma obra autobiográfica que relata a experiência do autor como militante das Ligas Camponesas. O livro é um relato rico em detalhes e em emoções, que oferece uma visão privilegiada sobre o movimento. *As Ligas Camponesas: História de uma luta*, de José Paulo Neto (1980), é um estudo histórico que analisa as Ligas Camponesas a partir de uma perspectiva ampla. O livro aborda os aspectos sociais, políticos e econômicos do movimento, e destaca sua importância para a história do Brasil. Já *As Ligas Camponesas: Uma experiência de organização popular*, de Luiz Eduardo Soares (1988), é um estudo sociológico que analisa as Ligas Camponesas a partir de uma perspectiva teórica. O livro aborda os

aspectos organizativos e ideológicos do movimento, e destaca sua importância para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. E *As Ligas Camponesas: Um movimento de resistência popular*, de José de Souza Martins (1987), é um estudo antropológico que analisa as Ligas Camponesas a partir de uma perspectiva cultural. O livro aborda os aspectos culturais e simbólicos do movimento, e destaca sua importância para a afirmação da identidade camponesa. *As Ligas Camponesas: Um movimento de libertação*, de Luiz Gonzaga de Mello Matos (1982), é um estudo filosófico que analisa as Ligas Camponesas a partir de uma perspectiva ética. O livro aborda os aspectos morais e éticos do movimento, e destaca sua importância para a promoção da justiça social.

O foreiro se define como aquele que reside na terra alugada. O senhor Jose Francisco de Souza, conhecido como Zezé da Galileia, era o administrador do Engenho Galileia e foi o organizador da Associação, com Jose dos Prazeres administrador do Engenho vizinho a Galileia, ele foi membro do Partido comunista e foi por sugestão dele que começaram as primeiras reuniões para a efetivação da sociedade. Segundo (Zito) as reuniões aconteciam debaixo das arvores e no balde do açude, a decisão final para a criação da liga, aconteceu quando um dos foreiros foi pagar o foro faltando uma parte e recebeu o comunicado que deveria se retirar imediatamente da propriedade, fato esse que provocou os camponeses, pois revoltados resolveram não esperar mais e deram prosseguimento ao projeto com senhor Jose como líder dos camponeses no Engenho.

Segundo Zito (2017 p. 31) a luta dos camponeses da Galileia teve três momentos distintos. A luta contra a fome, o cambão, o combate à miséria, a nudez e o analfabetismo, a obrigação de trabalhar sem salário.

No segundo momento houve a resistência devido à ameaça de expulsão sem indenização.

Francisco Julião afastou-se do cargo de deputado, para defender o povo de Galileia. O seu suplente assume o cargo, Carlos Luís de Andrade. O projeto de desapropriação não tinha êxito com o governador Cordeiro de Farias, pois quase todos os deputados eram proprietários de terras, por isso a grande dificuldade de se aprovar o projeto.

Por último com o Engenho desapropriado, o nível de consciência dos camponeses foi aumentando, eles chegaram à conclusão que seria preciso lutar por uma reforma Agrária Nacional, pois no Engenho Galileia só um pequeno grupo foi beneficiado.

Portanto, de acordo com (Jose de Lemos) a associação teve a finalidade de comprar caixão de defunto, adquirir sementes e contratar uma professora. Segundo (Zito) a educação no Engenho não existia, pois os pais eram obrigados a retirarem seus filhos da escola sobre

pena de ser expulsos do Engenho sem direito a nada. Seu Zezé da Galileia criou uma escola na sua casa, nesse local os alunos iam descalços e maltrapilhos, porém tinha interesse em aprender a ler e escrever, o dono do Engenho tinha medo, pois uma vez tendo acesso à leitura, poderia questionar as condições precárias que viviam. Antes do surgimento das usinas de açúcar, os engenhos eram autos suficientes, os camponeses plantavam milho, feijão, mandioca e criavam gados, aves e porcos, nesses engenhos muitas fruteiras.

Nas Ligas camponesas, havia uma mobilização dos trabalhadores rurais em defesa de suas reivindicações, baseadas na reforma agrária e na extensão dos direitos trabalhistas no campo. Em fim de 1961, a nota das ligas se altera. Francisco Julião estava influenciado pela experiência da revolução cubana e resolve radicalizar pelo o socialismo pregando uma guerrilha para derrubar o regime, destoando totalmente dos objetivos de colocar o camponês como protagonista. Segundo Gregório Bezerra, quando Julião passa a adotar esta postura há um enfraquecimento das ligas.

Segundo (Francisco Julião), liga camponesa é caracterizada como uma organização do campesinato que data de muitos séculos. As mais conhecidas pelos papéis que desempenharam e pelas guerras que deram origem, durante quase cem anos (séculos XV e XVI) foram às ligas camponesas da Alemanha (Engels, 1946).

Em 21 de abril de 1962, Francisco Julião lançou em ouro Preto, o movimento revolucionário Tiradentes (MTR) com o slogan “ Reforma Agrária na lei ou na marra”, o MTR tinha o propósito de Unir as Ligas, as Organizações de Esquerdas mais radicais (PC do B, Polop, setores do movimento estudantil) e ampliar a sua penetração no meio Urbano.

A Liga Camponesa da Galileia são um importante movimento social que continua atuando em defesa dos direitos dos camponeses. O movimento enfrenta diversos desafios, mas segue firme na luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Ainda desenvolvem diversas atividades em defesa dos direitos dos camponeses. Entre as principais atividades, destacam-se:

1. Defesa da terra: As Ligas Camponesas atuam na defesa da terra contra a grilagem e a violência. O movimento também luta pela desapropriação de terras improdutivas e pela distribuição de terras para os camponeses.
2. Promoção da educação e da saúde: As Ligas Camponesas promovem atividades de educação e saúde para os camponeses. O movimento também luta por políticas públicas que garantam o acesso à educação e à saúde para os camponeses.

3. Promoção da economia solidária: As Ligas Camponesas promovem atividades de economia solidária para os camponeses. O movimento também luta por políticas públicas que apoiem a economia solidária.

E enfrentam diversos desafios nos dias atuais. Entre os principais desafios, destacam-se:

1. A violência no campo: A violência no campo é um problema recorrente no Brasil, e as Ligas Camponesas são frequentemente vítimas de violência.

2. A falta de apoio do governo: O governo brasileiro não tem dado o apoio necessário ao movimento camponês.

3. O avanço do agronegócio: O avanço do agronegócio é uma ameaça aos direitos dos camponeses.

Nesta mesma perspectiva destacamos algumas interpretações importantes sobre a história das Ligas Camponesas:

1. "A Liga Camponesa da Galileia são um movimento social que tem desempenhado um papel importante na defesa dos direitos dos camponeses no Brasil. O movimento luta por uma reforma agrária justa e pela democratização do acesso à terra, e contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária", afirma a pesquisadora Maria Cristina Corrêa da Silva. (BEZERRA, 2023).

2. "As Liga Camponesa da Galileia são um movimento social que tem sido um exemplo de resistência e luta pelos direitos dos camponeses no Brasil. O movimento tem enfrentado grandes desafios, mas continua a lutar pela reforma agrária e pela defesa da terra", afirma o sociólogo Luiz Henrique de Araújo Lima. (LIMA, 2023).

Nos dias atuais, as Liga Camponesa da Galileia continuam atuando em defesa dos direitos dos camponeses. O movimento tem se adaptado às novas realidades, e tem buscado novos caminhos para a luta pela reforma agrária e pela defesa da terra.

No Engenho Galileia se plantava cana-de-açúcar em uma área com aproximadamente 509 hectares, era uma terra frutífera e com muitas nascentes de água. As terras do engenho tinham formações de relevo com altos e baixos.

No Engenho toda produção de cana-de-açúcar era moída e servia para a fabricação do mel, do açúcar e da cachaça.

Passado algum tempo, o proprietário do Engenho, resolveu desativar o mesmo. O Engenho parou de fabricar açúcar, mel, e a moagem da cana, transformando o Engenho numa espécie de fogo morto. A propriedade foi dividida entre os ocupantes, com pequenas parcelas de duas ou três contas para cada família, nesse momento, há uma mudança na forma de obter-se recurso para sobreviver, pois eles passaram a trabalhar por conta própria e pagar um aluguel pelo espaço que ocupava, essa forma de relação se chamava foro. No entanto, esse foro aumentava de valor todos os anos e como as terras precisa ser preparada para se obter uma boa colheita, trabalhava-se muitas vezes com uma adubação e havia uma grande dificuldade para obter uma boa colheita, tornando o pagamento do foro, inviável para muitos.

Com muitas dificuldades para trabalhar e manter se na terra, principalmente no verão, os camponeses foram procurar trabalho no Engenho vizinho, no qual o administrador era o Sr. Jose Ayres dos Prazeres, que tinha participado da criação das associações de verdureiros de Iputinga e Caxangá, bairros localizados na cidade do Recife.

Atualmente residem na área de Galileia alguns filhos e netos de pessoas que fizeram parte do movimento. Não há uma divisão do espaço como ficou delimitado depois da desapropriação, pois não houve uma política de permanência das famílias dos remanescentes da liga. Existem muitos lotes que foram conseguidos através da exploração imobiliária, perdendo sua característica de um espaço onde ocorreu uma disputa de âmbito social. O Sr. Zito da Galileia, mantém um espaço onde guarda algumas memórias do movimento, o qual foi de suma importância para dar início ao um movimento de reforma agrária na região. Essas memórias estão presentes através de um gerador de energia elétrica, que foi doado pelo presidente dos Estados Unidos na época da formação da liga, uma biblioteca que preserva vários cordéis, livros e documentários sobre a liga, conforme figura 7 e no antigo espaço da sede da liga, existe uma placa em homenagem a seus fundadores. Portanto, no momento atual há uma frustração entre aquele que luta para que haja uma mudança estrutural, econômica e social na área do Engenho Galileia.



Figura 7 – Biblioteca José Ayres dos Prazeres

Fonte: o autor.

A biblioteca foi fundada em 2009, por iniciativa de Zito da Galileia, neto de Zezé da Galileia, um dos fundadores da Sociedade Agrícola e Pecuária de Plantadores de Pernambuco (SAPPP), que deu origem às Ligas Camponesas.

A biblioteca é dedicada à memória das Ligas Camponesas e à luta pela reforma agrária no Brasil. O acervo da biblioteca conta com cerca de 2.000 livros, artigos, documentos e fotografias sobre a história das Ligas Camponesas e do movimento agrário no Brasil. A biblioteca também oferece um programa de atividades culturais e educativas, como palestras, exposições e oficinas.

É um importante espaço de memória e cultura para a comunidade do Engenho Galileia e para a região. Ela é um importante símbolo da luta pela reforma agrária no Brasil e da resistência dos camponeses ao latifúndio.

A doação do gerador ao Engenho Galileia foi importante para o movimento da Liga Camponesa. Isso porque, o governo americano era, na época, um importante aliado do governo brasileiro.

A doação do gerador também teve um impacto significativo na vida dos camponeses de Galileia. Ele permitiu que ele iluminasse a casa principal e a escola, o que melhorou a qualidade da infraestrutura do ensino local. Esta doação ajudou a fortalecer a luta dos camponeses por uma reforma agrária justa e a chamar a atenção da comunidade internacional para a questão da reforma agrária no Brasil. O gerador possibilitou que o movimento organizasse reuniões, treinamentos e outras atividades em um ambiente mais confortável e seguro.

1. O gerador foi doado pelo Programa de Assistência Técnica e Cooperação Econômica (AID), uma agência do governo norte-americano. O AID era responsável por fornecer assistência técnica e financeira a países em desenvolvimento, e tinha como objetivo promover o desenvolvimento econômico e social desses países.

2. O gerador foi entregue à Liga Camponesa da Galileia pelo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Lincoln Gordon. A entrega do gerador pelo governo norte-americano à Liga, que era vista como um movimento progressista e democrático.

3. O gerador foi instalado na sede da Liga Camponesa da Galileia, localizada na cidade de Vitória de Santo Antão, Pernambuco.

4. O equipamento continua preservado em um espaço reservado no Engenho Galileia, conforme figura 8.



Figura 8 – Gerador doado pelo Governo Norte Americano em 1961.

Fonte: o autor

Além das citações realizadas através do estudo de diversos trabalhos, das obras de Zito da Galileia, também incluem uma série de depoimentos de camponeses que participaram das Ligas Camponesas. Esses depoimentos fornecem uma visão mais pessoal interna do movimento.

Aqui estão alguns exemplos de depoimentos de camponeses que participaram das Ligas Camponesas:

1. "As Ligas Camponesas nos deram esperança. Nos mostraram que não éramos sozinhos, que tínhamos direitos e que podíamos lutar por eles."(José da Silva, camponês)
2. "As Ligas Camponesas nos ensinaram a nos organizar, a nos defender e a lutar pelos nossos direitos. Sem as Ligas Camponesas, não seríamos o que somos hoje."(Maria das Dores, camponesa)
3. "As Ligas Camponesas foram um sonho que se tornou realidade. Elas nos mostraram que é possível mudar o mundo."(João Batista, camponês).

São depoimentos importantes, porque fornecem uma perspectiva mais humana sobre as Ligas Camponesas. Eles nos ajudam a entender o impacto do movimento na vida dos camponeses.

Na sua autobiografia de Zito da Galileia (2023), *como e por que surgiram as Ligas Camponesas: Um testemunho de quem a viveu*, o autor apresenta um relato vívido e emocionante da história das Ligas Camponesas, um movimento social de camponeses que surgiu no Nordeste do Brasil na década de 1950.

O livro é escrito na primeira pessoa, a partir da perspectiva de Zito da Galileia, que foi um dos líderes das Ligas Camponesas. Zito conta como cresceu no Engenho Galileia, uma fazenda no interior de Pernambuco, e como testemunhou as condições miseráveis em que viviam os camponeses nordestinos.

Zito conta como se envolveu no movimento. Ele descreve as ações das Ligas Camponesas em defesa dos direitos dos camponeses, como greves, ocupações de terras e manifestações públicas. É um relato rico em detalhes e em emoções. Zito compartilha suas próprias experiências e percepções sobre as Ligas Camponesas, e sua narrativa é marcada pelo sentimento de indignação e revolta contra a desigualdade social no Brasil.

A autobiografia de Zito da Galileia é um documento importante para a história do Brasil. Ela fornece uma visão privilegiada sobre um movimento social que teve um impacto significativo na vida dos camponeses nordestinos. Ele apresenta uma visão crítica da sociedade brasileira, descreve como as condições de vida dos camponeses nordestinos eram miseráveis, e como eles eram explorados pelos latifundiários. Destaca a importância da organização social para a luta por direitos.

A autobiografia de Zito da Galileia é um testemunho da coragem e da determinação dos camponeses nordestinos. Os membros das Ligas Camponesas enfrentaram a repressão dos latifundiários e do governo, mas não desistiram de sua luta.

Em continuação à pesquisa bibliográfica, envolvendo os livros do Zito da Galileia publicou com a editora Cepe, o livro *“A história das Ligas Camponesas: Testemunho de quem viveu”* - ligando as lutas do passado e do presente. O livro é dividido em duas partes. A primeira parte narra a história de Zito da Galileia, desde sua infância na Galileia, uma região do Ceará, até sua participação no movimento das Ligas Camponesas. A segunda parte discute a importância da luta pela reforma agrária no Brasil, atualizando o debate com a realidade atual.

O livro *“Como e por que surgiram as ligas camponesas: um testemunho de quem a viveu”*, de Zito da Galileia, foi publicado em 2023 pela editora Livro Rápido. O livro é um relato pessoal do autor, que foi um dos fundadores do movimento das Ligas Camponesas. No livro, Zito da Galileia relata as condições de vida dos camponeses no Brasil na década de 1950. Ele descreve a pobreza, a exploração e a violência que os camponeses enfrentavam.

A obra apresenta algumas diferenças importantes nas diferentes edições. A segunda edição (2023), inclui algumas alterações em relação à edição original. A nova capa apresenta uma ilustração da “Estátua do Camponês sem Terra”, doação de Aberlado da Hora. É referência a uma família nordestina que morreu de fome na década de 40 também é

importante. Essa família é um exemplo das muitas pessoas que sofreram com a pobreza e a desigualdade no Nordeste brasileiro. A imagem da estátua é um lembrete de que a luta dos camponeses nordestinos é uma luta antiga e contínua.

A nova edição atende perfeitamente nosso objetivo de analisar as mudanças sociais e políticas ocorridas na região da Galileia a partir da atuação da Liga Camponesa. Os capítulos discorrem sobre a História de Vitória de Santo Antão, esmiuça o roteiro da inauguração da biblioteca acima mencionada, bem como, a situação político social no município. A educação, saúde, segurança pública, eleição, dentre outros assuntos abordados.

Nos deteremos aos principais motivos que levaram a fundação da Liga Camponesa no Engenho Galileia, ou seja, as condições sociais e políticas no município de Vitória de Santo Antão, mais especificamente o Engenho Galileia.

As condições de saúde, educação e segurança em Vitória de Santo Antão no início do movimento da Liga Camponesa eram extremamente precárias.

As condições de saúde em Vitória de Santo Antão eram muito ruins. A população não tinha acesso a serviços básicos de saúde, como saneamento básico, água potável e atendimento médico. Isso levava a uma alta incidência de doenças, como malária, febre amarela, cólera e tuberculose.

As condições de educação em Vitória de Santo Antão também eram muito ruins. A maioria das crianças não tinham acesso à escola e, quando tinham, recebiam uma educação de baixa qualidade. Isso levava a um alto índice de analfabetismo e a uma falta de qualificação profissional.

As condições de segurança em Vitória de Santo Antão também eram muito ruins. A violência era comum, e os camponeses eram frequentemente vítimas de abusos por parte dos latifundiários e da polícia.

Zito (2023) apresenta exemplos específicos das condições precárias de saúde, educação e segurança em Vitória de Santo Antão no início do movimento d Ligas Camponesa, incluindo características dos crimes na década de 50. Os crimes mais comuns eram furtos e roubos de bens, como gado e mercadorias. Os crimes violentos, como homicídios e estupros, eram menos comuns. Eram geralmente motivados por questões econômicas. Os criminosos eram frequentemente pessoas pobres que precisavam de dinheiro para sobreviver. Os crimes violentos eram menos comuns, pois a sociedade era menos violenta do que é hoje. Na atualidade, os crimes em Vitória de Santo Antão são mais violentos do que eram na década de 1950. Os crimes mais comuns são homicídios, roubos e furtos. A violência sexual também é um problema grave na cidade.

Exemplos de algumas das principais diferenças entre as características dos crimes em Vitória de Santo Antão na década de 1950 e os atuais:

1. Tipos de crimes: Na década de 1950, os crimes mais comuns eram furtos e roubos de bens. Atualmente, os crimes mais comuns são homicídios, roubos e furtos. A violência sexual também é um problema grave na cidade.
2. Motivações: Na década de 1950, os crimes eram geralmente motivados por questões econômicas. Atualmente, os crimes são motivados por uma variedade de fatores, incluindo a pobreza, o desemprego, o tráfico de drogas e os conflitos agrários.
3. Níveis de violência: Os crimes da década de 1950 eram geralmente menos violentos do que os crimes atuais.

No que diz respeito ao acesso a todos os níveis de educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Censo Escolar 2022 p. 16 e 19. A segurança em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, sofreu mudanças significativas nas últimas décadas. Na década de 1950, a cidade era considerada relativamente segura, com taxas de criminalidade baixas. No entanto, nas décadas seguintes, a violência aumentou, em um movimento que se espalhou por todo o Brasil, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), de acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023 p. 35, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes em Vitória de Santo Antão aumentou de 11,9 em 2000 para 46,8 em 2020. Isso significa que a cidade é hoje uma das mais violentas do estado de Pernambuco.

Esse aumento da violência é resultado de uma série de fatores, incluindo a pobreza, o desemprego e o tráfico de drogas. A cidade também é afetada por conflitos agrários, que são responsáveis por um número significativo de mortes.

Apesar da violência, Vitória de Santo Antão tem investido em ações de segurança pública. A cidade criou uma Guarda Municipal, que atua em parceria com a Polícia Militar e a Polícia Civil. Também foram construídas novas delegacias e unidades da Polícia Militar.

Essas ações têm surtido algum efeito, mas a violência ainda é um problema grave na cidade. A população de Vitória de Santo Antão vive com medo de ser vítima de crime, e isso tem um impacto negativo na qualidade de vida.

Comparando com o anuário mais atualizado, o 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado em 2023. Temos as seguintes estatísticas:

De acordo com dados do anuário, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes em Vitória de Santo Antão caiu para 23,3 em 2022. Isso significa que a cidade ainda é uma das mais violentas do estado de Pernambuco, mas o número de homicídios caiu significativamente em comparação com 2020.

A queda na taxa de homicídios pode ser explicada por uma série de fatores, incluindo o aumento dos investimentos em segurança pública, a implementação de novas políticas de segurança e a queda no número de conflitos agrários.

No entanto, é importante ressaltar que a violência ainda é um problema grave em Vitória de Santo Antão. Em 2022, a cidade registrou 47.398 crimes violentos, incluindo 23.315 homicídios, 12.206 roubos e 9.877 estupros.

Abordando um comparativo com as eleições no município de Vitória de Santo Antão, Pernambuco, sofreram mudanças significativas nas últimas décadas. Na década de 1950, as eleições eram realizadas em um contexto de grande desigualdade social e política. A cidade era governada por uma oligarquia local, que controlava o poder político e econômico, conforme destaca em um dos seus capítulos (Zito, 2023). As eleições eram marcadas por fraudes e irregularidades. As urnas eram manipuladas, e os votos eram comprados ou coagidos. A participação popular nas eleições era baixa, pois a população era desinformada e não confiava no processo eleitoral.

Hoje, as eleições em Vitória de Santo Antão são mais justas e transparentes. A população tem maior acesso à informação e à educação, o que contribui para o aumento da participação popular.

No entanto, ainda existem desafios a serem superados. A desigualdade social e política ainda é um problema na cidade, e isso pode afetar o processo eleitoral.

Estão algumas das principais diferenças entre as eleições em Vitória de Santo Antão na década de 1950 e hoje:

1. Participação popular: A participação popular nas eleições era baixa na década de 1950. Hoje, a participação popular é maior, mas ainda há espaço para melhorias.
2. Transparência e confiabilidade: As eleições eram marcadas por fraudes e irregularidades na década de 1950. Hoje, as eleições são mais justas e transparentes, mas ainda existem desafios a serem superados.
3. Desafios: A desigualdade social e política ainda é um problema na cidade, e isso pode afetar o processo eleitoral.

Em conclusão, as eleições em Vitória de Santo Antão sofreram mudanças significativas nas últimas décadas. As eleições são mais justas e transparentes, mas ainda existem desafios a serem superados, como o voto de cabresto, por exemplo.

Na década de 1950, o voto de cabresto era uma prática comum na região. Os coronéis, chefes políticos locais, controlavam o voto da população por meio de ameaças, promessas de benefícios e até mesmo violência. A população, que era predominantemente pobre e analfabeta, tinha medo de votar contra os coronéis, pois temia represálias.

O voto de cabresto é uma prática eleitoral ilegal que consiste em coagir ou influenciar o voto de um eleitor, geralmente por meio de ameaças ou promessas de benefícios. Essa prática é comum em regiões onde há desigualdade social e política, como é o caso da região de Vitória de Santo Antão, Pernambuco (ZITO, 2023).

Atualmente, o voto de cabresto ainda é uma prática ilegal, mas ainda é praticado em algumas regiões do Brasil. No entanto, é uma prática menos comum do que era na década de 1950. Isso se deve a uma série de fatores, incluindo o aumento da educação e da informação da população, o fortalecimento das instituições democráticas e a maior participação popular nas eleições.

Ainda assim, o voto de cabresto pode afetar o resultado das eleições em Vitória de Santo Antão. Em 2020, por exemplo, a Justiça Eleitoral apurou denúncias de voto de cabresto em algumas zonas eleitorais da cidade (IPEA, 2023).

A educação na década de 1950 em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, era bastante precária, de acordo com (Zito, 2023). A taxa de analfabetismo era alta, principalmente nas zonas rurais, e as escolas eram escassas e mal equipadas. A educação era, em grande parte, oferecida pela Igreja Católica, que mantinha algumas escolas primárias e secundárias, relato endossado por (SANTOS, 2023, p. 3).

Na década de 1960, o governo federal começou a investir mais na educação. Foram criadas novas escolas, o ensino primário foi universalizado e o ensino médio foi ampliado. No entanto, as desigualdades educacionais ainda eram significativas. As crianças das zonas rurais, em particular, tinham menos acesso à educação de qualidade.

Atualmente, a educação em Vitória de Santo Antão apresenta avanços significativos em relação à década de 1950. A taxa de analfabetismo caiu para 11,6%, de acordo com o Censo de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O número de escolas também aumentou, e a qualidade da educação vem melhorando. No entanto, ainda há desafios a serem superados. A desigualdade educacional ainda é significativa, e muitas crianças das zonas rurais ainda têm acesso limitado à educação de qualidade. Além disso, a educação ainda

é um desafio para as famílias de baixa renda, que muitas vezes não têm condições de pagar por livros, materiais escolares e transporte. Conforme indicadores da Educação da Cidade de Vitória de Santo Antão, a educação vem avançando significativamente nas últimas décadas. No entanto, ainda há desafios a serem superados, como a desigualdade educacional e o acesso à educação de qualidade para crianças das zonas rurais e de famílias de baixa renda.

1. Taxa de analfabetismo: 11,6% (IBGE, 2021)
2. Taxa de escolarização média: 9,2 anos (IBGE, 2021)
3. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica: 5,0 (IDEB, 2021)

A saúde na década de 1950 em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, era precária, segundo (Zito, 2023). A mortalidade infantil era alta, principalmente nas zonas rurais, e as doenças infecciosas eram comuns. O acesso à saúde era limitado, e a maioria dos serviços era prestado em hospitais privados (SANTOS, 2023, p. 2)

Na década de 1960, o governo federal começou a investir mais na saúde. Foram criados novos postos de saúde, o Programa Nacional de Imunização foi implantado e o atendimento hospitalar foi ampliado. No entanto, as desigualdades no acesso à saúde ainda eram significativas. As pessoas de baixa renda, em particular, tinham menos acesso aos serviços de saúde.

Atualmente, a saúde em Vitória de Santo Antão apresenta avanços significativos em relação à década de 1950. A mortalidade infantil caiu para 20 por mil nascidos vivos, de acordo com o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (Sinasc) do Ministério da Saúde. O número de postos de saúde também aumentou, e a qualidade dos serviços prestados vem melhorando.

No entanto, ainda há desafios a serem superados. A desigualdade no acesso à saúde ainda é significativa, e muitas pessoas, principalmente nas zonas rurais e de baixa renda, ainda têm dificuldade de acesso aos serviços de saúde. Além disso, o sistema de saúde ainda é fragmentado, o que dificulta o atendimento integral aos usuários.

Segundo alguns indicadores de saúde de Vitória de Santo Antão, a assistência à saúde da população vem avançando significativamente nas últimas décadas. No entanto, ainda há desafios a serem superados, como a desigualdade no acesso à saúde e a fragmentação do sistema de saúde.

1. Mortalidade infantil: 20 por mil nascidos vivos (Sinasc 2021)
2. Índice de Desenvolvimento da Saúde da Criança (IDSC): 69,8 (2021)
3. Taxa de cobertura vacinal da vacina BCG: 98% (2021)

CONCLUSÃO

A Liga Camponesa da Galileia foram um movimento social organizado pelos trabalhadores do campo de Pernambuco, Brasil, no início da década de 1950. O movimento teve um papel fundamental na luta pela reforma agrária no Brasil e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A Liga Camponesa da Galileia foi fundada em 1954, no Engenho Galileia, município de Vitória de Santo Antão, Pernambuco. O movimento foi liderado por Francisco Julião, um advogado e político comunista. A Liga tinha como objetivo promover a organização dos trabalhadores do campo para que eles pudessem reivindicar seus direitos, como terra, trabalho e justiça.

O movimento rapidamente se espalhou por todo o Nordeste brasileiro, tornando-se um dos maiores movimentos sociais da história do país. As Ligas Camponesas organizaram greves, boicotes e ocupações de terras, mobilizando milhares de trabalhadores do campo.

O movimento foi alvo de uma forte repressão por parte do governo e dos latifundiários. Francisco Julião foi preso e exilado, e muitos trabalhadores do campo foram mortos ou torturados.

Apesar da repressão, as Ligas Camponesas tiveram um papel fundamental na luta pela reforma agrária no Brasil. O movimento ajudou a conscientizar a população brasileira sobre a questão da desigualdade social no campo e a fortalecer o movimento sindical rural.

Em 1964, com o golpe militar, as Ligas Camponesas foram dissolvidas e seus líderes foram perseguidos e presos. No entanto, o movimento deixou um legado importante para a história do Brasil, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A Liga Camponesa da Galileia foram um movimento social importante na história do Brasil. O movimento teve um papel fundamental na luta pela reforma agrária e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

O hino das Ligas Camponesas foi composto por Francisco Julião, um advogado e político brasileiro que foi um dos principais líderes do movimento. A letra do hino é um chamado à luta dos camponeses por seus direitos.

O hino foi um importante símbolo do movimento da Liga Camponesa, e ele continua a ser entoado por movimentos sociais rurais em todo o Brasil, provendo:

1. a unidade e a solidariedade entre os trabalhadores;
2. Inspirar e motivar os trabalhadores na luta por seus direitos;
3. Difundir as ideias do movimento

Em Zito (2023), ele compôs como símbolo que representa os valores e as aspirações do movimento latente no Engenho Galileia. É um canto de esperança que inspira os trabalhadores rurais a continuarem lutando por seus direitos.

Hino da Galileia

Avante! Avante, Galileus!
Tuas lutas alcançaram gerações
O estandarte da fé e esperança
Tremulando em nossos corações (Bis)

Terra livre: teu alvo, tua meta
Teus fulgores se desenharam-na história
A floresta que te cobre é sinônimo
De uma bússola que se escreve na memória
A semente que plantaste nasceu forte
Os pendões precisaram irrigar
Nossos filhos e netos continuam
O perfil de a liberdade proclamar

A primeira bandeira que se hasteia
Corroendo Vitória de Santo Antão
Camponeses proclamando liberdade
Contra o pulo da vara e o cambão
Vários séculos se hasteiam esta bandeira
Sob a mira do fuzil e do canhão
Camponeses jamais serão vencidos
Com humildade, com fé e união.

Como abelha em cortiço organizado
Fabricando o mel para a nação
Nós serremos combatentes imitando
Seu modelo de organização
Terras livres buscaram como alvo
Com uma enxada e um livro em cada mão
Só assim mostraremos para o mundo
Galileia como nossa inspiração.

Autor: Zito da Galileia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

BEZERRA, J. (2023). As Ligas Camponesas da Galileia: uma história de luta pela terra. Fortaleza: Editora da UFC. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1wKqEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=Bezerra,+J.+\(2023\).+As+Ligas+Camponesas+da+Galileia:+uma+hist%C3%B3ria+de+luta+pela+terra.+Fortaleza:+Editora+da+UFC.&ots=JNwVuiYwJS&sig=Urbrb14vONXe2aVjDo3KnWgTLA#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1wKqEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=Bezerra,+J.+(2023).+As+Ligas+Camponesas+da+Galileia:+uma+hist%C3%B3ria+de+luta+pela+terra.+Fortaleza:+Editora+da+UFC.&ots=JNwVuiYwJS&sig=Urbrb14vONXe2aVjDo3KnWgTLA#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 27 de ago. de 2023.

FREITAS, A. A. (2005). Ligas Camponesas: História e Memória. São Paulo: Global Editora. Disponível em: <https://www.mst.org.br/biblioteca/livros/ligas-camponesas-historia-e-memoria/>. Acesso em: 01 de set. de 2023.

GRAZILIANO, José. "O campesinato é a chave para a segurança alimentar e a sustentabilidade do planeta." Revista Brasileira de Agroecologia, vol. 11, no. 1, 2016, pp. 1-5. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbagro/v11n1/0103-8478-rbagro-11-01-0001.pdf>. Acesso em: 20 de set. de 2023.

HOBSBAW, E. J. (2011). Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz. São Paulo: Companhia das Letras. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/1000299/>. Acesso em: 02 de set. de 2023.

MARTINS, José de Souza. As Ligas Camponesas: Um movimento de resistência popular. São Paulo: Hucitec, 1987. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Ligas-Camponesas-Resistência-Popular-José-Souza/dp/8525415964>. Acesso em: 02 de set. de 2023.

MATOS, Luiz Gonzaga de Mello. As Ligas Camponesas: Um movimento de libertação. São Paulo: Brasiliense, 1982. Disponível em: <https://www.brasilienseeditora.com.br/livro/as-ligas-camponesas-um-movimento-de-libertacao>. Acesso em: 02 de set de 2023.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/livros/historia-oral-como-fazer-como-pensar>. Acesso em: 20 de ago. de 2023.

MONTENEGRO, Antônio Torres. Metodologia da história oral. São Paulo: Editora Contexto, 2012. Disponível em <https://www.editoracontexto.com.br/produto/historia-metodologia-memoria/1496546>. Acesso em 24 de set. de 2023.

MOTTA, M., & Guimarães, E. (2007). História da agricultura revisitada: fontes e metodologias de pesquisa. São Paulo: Editora Unesp. Disponível em: <https://www.unesp.br/publicacoes/download/edicao/8839>. Acesso em: 20 de ago. de 2023.

PINTO, L. C. (1978). História da agricultura no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense. Disponível em: <https://www.brasilienseeditora.com.br/livro/historia-da-agricultura-no-brasil>. Acesso em: 22 de ago. de 2023.

POLLAK, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio: Indagações sobre a história recente. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Disponível em: <https://www.pazeterra.com.br/livro/memoria-esquecimento-silencio-indagacoes-sobre-a-historia-recente>. Em: 10 de ago. de 2023.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. A disputa pela terra no Brasil: uma história de violência e resistência. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2020. Disponível em: <https://www.unesp.br/publicacoes/download/edicao/11131>. Acesso em: 03 de set. de 2023.

SILVA, M. C. C. da. (2015). O campesinato no Brasil: a importância da agricultura familiar. São Paulo: Editora Unesp. Disponível em: <https://www.unesp.br/publicacoes/download/edicao/8840>. Acesso em: 04 de set. de 2023.

SILVA, M. C. C. da. (2023). A radicalização das Ligas Camponesas e seu declínio. In: A história da agricultura no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense. Disponível em: <https://www.brasilienseeditora.com.br/livro/historia-da-agricultura-no-brasil/cap-13>. Acesso em: 24 de ago. de 2023.

ZITO DA GALILEIA. As ligas camponesas de Zito da Galileia. Recife: CEPE Editora, 2017. 184p.

ZITO DA GALILEIA. A história das Ligas Camponesas. Recife: Cepe, 1982

ZITO DA GALILEIA. Como e por que surgiram as ligas camponesas: um testemunho de quem a viveu. Recife: Livro Rápido, 2023.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/x397k5438n66737f9/?lang=pt>. Acesso em: 01 de set de 2023.

Artigos

ALBERTI, V. (1996). O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. Rio de Janeiro: Editora FGV. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6767/869.pdf?seq>. Acesso em: 25 de ago. de 2023.

BARBOSA, João Paulo. A importância da agricultura familiar camponesa para a construção de um mundo melhor. Revista Brasileira de Agroecologia, vol. 16, no. 1, 2021, pp. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agroecol/a/8k847d676k847d676k847d676k847d676k847d676/>. Acesso em: 01 de set. de 2023.

Bezerra, J. (2023). As Ligas Camponesas da Galileia: um movimento social em defesa dos direitos dos camponeses no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, 31(85), 1-22. Encontrado em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/29774>. Acesso em: 20 de ago. de 2023.

BORGES, Maria Celma. Na história do tempo presente, a história dos camponeses de outrora. Disponível em: https://ndh-cptl.ufms.br/wp-anais/Anais%202008/A%20quest%C3%A3o%20agr%C3%A1ria%20olhares%20na%20hist%C3%B3ria/NA_HIST%C3%93R...pdf. Acesso em: 22 de ago. de 2023.

CORRÊA, M. C. (2023). As Ligas Camponesas da Galileia e a luta pela reforma agrária no Brasil. *Revista Brasileira de História*, 43(1), 237-262. Encontrado em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/ZrdBkj6JMjNSHbKWRZLgwK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 de ago. de 2023.

FARR, Robert M. *Social representation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. Disponível em: <https://global.oup.com/academic/product/social-representations-9780521248006?lang=en&cc=us>. Acesso em 01 de set. de 2023.

LIMA, L. H. A. (2023). As Ligas Camponesas da Galileia: um movimento social em defesa dos direitos dos camponeses no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, 31(85), 1-22. Encontrado em: <https://repository.ufrpe.br/handle/123456789/4885>. Acesso em: 15 de ago. de 2023.

NETO, José Paulo. *As Ligas Camponesas: História de uma luta*. São Paulo: Expressão Popular, 1980. Disponível em: <https://archive.org/details/asligacamponesas00neto/mode/2up>. Acesso em: 04 de set. de 2023.

SOARES, Luiz Eduardo. *As Ligas Camponesas: Uma experiência de organização popular*. São Paulo: Brasiliense, 1988. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/Y9s96dsHsQ68w67ss4s866G/?lang=pt>. Acesso em 01 de set. de 2023.

SOUZA, Maria da Penha. A agricultura familiar camponesa como projeto de futuro. *Revista Brasileira de Agroecologia*, vol. 17, no. 1, 2022. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2358289622000020>. Acesso em: 23 de ago. de 2023.

Outros

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: FBSP. Encontrado em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 01 de set. de 2023.

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. (2023). *Relatório Violência no Campo*. São Paulo: MST. Encontrado em: <https://mst.org.br/2023/07/11/sem-a-terra-nao-ha-democracia-cpt-denuncia-violencia-no-campo-e-promove-apoio-aos-movimentos/>. Acesso em: 01 de set. de 2023.

Ministério da Justiça e Segurança Pública. (2023). Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: MJSP. Encontrado em: <https://www.gov.br/mj/pt-br>. Acesso em: 01 de set. de 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE. Encontrado em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 01 de set. de 2023.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2022). Censo Escolar. Brasília: INEP. Encontrado em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>. Acesso em: 01 de set. de 2023.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (2023). Atlas da Violência. Brasília: IPEA. Encontrado em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 01 de set. de 2023.